

25 ABR 1995

Um lugar onde o desejo não está

ESTADO DE SÃO PAULO

Na escola não há espaço para o desejo. A escola busca se esterilizar de amor e de agressividade, procurando ignorar em todas as circunstâncias a presença vigorosa dessas paixões. Os sentimentos acoplados à sexualidade, à doença, à morte, às questões místicas e religiosas não têm guarida na escola. Não só os professores os ignoram como os rechaçam como indevidos e impróprios. O sistema de ensino que aí está, desprovido de paixão, de eros, de cor, de vida, é literalmente estéril, isto é, não tem condições de fecundar o espírito, tanto de alunos como de professores. A fria organização burocrática do funcionamento das escolas, mascarada muitas vezes com a alteração do significado e da função da professora, que é chamada de "tia", é a expressão mais trágica da falta de paixão, calor e carinho que deveriam ser o sangue de toda e qualquer instituição de produção intelectual.

Se a escola não se encher do erotismo saudável das típicas relações entre professor e aluno que se assenta no encanto pela aprendizagem da matemáti-



Sem a energia do prazer, do gostoso, da curtição tudo fica mais difícil

cação, nem no dia-a-dia dos sistemas de ensino, é despertar nos alunos o desejo pelo conhecimento.

Trata-se de conseguir encantá-los, na trilha de um professor que também se encanta, por exemplo, pela lindeza do sistema de escrita, pela magia de associar letras para formar sílabas e palavras, pela constituição de frases com palavras e de textos com frases, para chegar à tecitura comovente da produção do discurso escrito, que é muito mais do que falar.

Se o professor não se encantar e não encontrar meios de também encantar seus alunos pelos conhecimentos, por

ca, de línguas, de ciências sociais e naturais, das disciplinas de expressão artística e de técnicas, e se precisa criar artificialmente um tema gerador como centro de interesses para que se ensine, essa escola já decretou sua falência.

Venho aprendendo concretamente, no meu afã de ensinar matemática ou alfabetizar ou formar professores, que a primeira grande e inalienável atribuição do professor, que por sinal não está prevista nas leis de diretrizes e bases da edu-

cação, nem no dia-a-dia dos sistemas de ensino, é despertar nos alunos o desejo pelo conhecimento. exemplo, pela beleza da estrutura multiplicativa dos números, tudo o mais será cansaço e ineficácia na sala de aula e continuaremos no caos e no marasmo que nos envergonha como país, no concerto das nações do mundo, em matéria de ensino.

Uma das estratégias modernas para despertar o desejo é o marketing. Ele não é intrinsecamente perverso para ludibriar, enganar e vender. O marketing eficaz toca o desejo e por isso ele é de tamanha responsabilidade. Por meio dele se pode, indiscutivelmente, perverter, mas se pode mobilizar as forças mais poderosas do ser humano, e disso sabem tão bem os manipuladores do mercado.

Toda ação educativa precisa também de um marketing especial para que consiga tocar o aluno e motivá-lo para a aprendizagem. O marketing na sala de aula é exercido pela professora ao estabelecer vínculo especial com todos os seus alunos, vínculo que se concretiza em sua capacidade de olhar, olho no olho, cada um deles, e, depois de fígados por esse interesse manifesto, levá-los a acompanharem o olhar impregnado da força do desejo da professora na direção do objeto do conhecimento, isto é, na direção do conteúdo a ensinar.

Sem a energia do prazer, do gostoso, da curtição, não só tudo fica mais difícil, como só resta à educação, como es-

tá apontado no substitutivo da Lei das Diretrizes e Bases que tramita agora no Senado, velar pela aprendizagem dos alunos, isto é, acompanhar o velório da triste morte dessa mesma aprendizagem, isso se a sociedade brasileira como um todo e, em particular, os governantes não produzirem para já uma virada de mesa nesse campo.

Essa virada implica medidas concretas e urgentes para associar salários dignos aos profissionais de educação com novíssimos conhecimentos sobre como se aprende, incluindo aí a dimensão social que implica, visceralmente, tanto a democratização das relações entre os atores dos sistemas escolares quanto a democratização do acesso ao saber a todos os alunos, particularmente os de escolas públicas, altamente marginalizados pelas escandalosas repetências registradas entre nós.

Essa reviravolta se assenta no desafio, não só proposto a professores, mas a todos nós, seres humanos, que resulta da estupenda descoberta de que inteligência e desejo não envelhecem. E de que, portanto, além de ser um absurdo, aposentar o cérebro e o coração é o mais lamentável desperdício, pois lindo, saudável e inteligente é envelhecemos apaixonados.

■ *Esther Pillar Grossi, doutora em Psicologia da Inteligência pela Universidade de Paris, é deputada federal (PT-RS)*